

Do Continente até à Ilha das Cores, televisão para o pré-escolar

*Teresa Paixão**
RTP

Resumo:

Este artigo apresenta como nasceu a série de televisão A Ilha das Cores, com objectivos de entretenimento e educativos dirigidos a crianças em idade pré-escolar. Dá conta, com situações concretas, de como o programa foi tomando a sua forma e conteúdo, entre a experiência de séries semelhantes realizadas pela RTP (Rua Sésamo, Jardim da Celeste) e a passagem dos anos, a vontade de contrariar estereótipos e a sua resistência, os constrangimentos de tempo, profissionais e de orçamento, as mudanças nas condições tecnológicas e a articulação de diferentes profissionais, a visibilidade e a promoção pública, a inclusão e limites da participação de crianças.

Palavras-chave:

Produção televisiva; Programa de televisão para crianças.

Três características de partida

A produção de uma série para o pré-escolar tem à partida três características que os operadores de televisão detestam: necessita de tempo para ser feita, de dinheiro e não dá audiência.

E para que querem os produtores esse tempo e esse dinheiro?

* Teresa Paixão é responsável pelo gabinete de Programas Infantis da RTP2 e autora de A Ilha das Cores.

O tempo querem-no para estudar, criar e produzir. As produções dedicadas ao pré-escolar têm a enorme vantagem de haver muita documentação disponível, tanto nas empresas de produção estrangeiras, como na Internet e nas Universidades, sobre os programas para esta idade e os efeitos que tiveram nas crianças. É aqui que começa o tempo a ser empregue, na leitura destes documentos que serve depois para tomar decisões sobre as mensagens mais importantes a incluir em cada episódios da série.

A parte da criação implica também tempo e condições de espaço favoráveis. O tempo serve ainda para ter ideias e desistir delas. Para fazer nascer personagens que morrem logo a seguir. Quanto ao espaço, a Ilha das Cores teve, neste aspecto, algumas dificuldades: foi criada numa sala grande, com muita gente, entre um disco de Rod Stuart, Cole Porter e Dee Dee Bridgewater. Talvez por isso a música de abertura tenha sido pedida com um tom de Jazz.

E mais tempo para as três fases mais importantes de qualquer produção: pré-produção, produção e pós-produção. Nestes programas não se pode saltar nenhuma destas etapas, sob pena do resultado ter custos ainda maiores. Em televisão é frequente passar-se do pensamento directamente para a produção mas é também muito arriscado. Depois, ainda mais tempo para cumprir os requisitos exigidos por cada uma delas.

O dinheiro é para pagar o saber e o saber fazer bem.

Como é que a Ilha das Cores viveu estas condições?

A Ilha das Cores não teve nem muito tempo, nem muito dinheiro para ser feita e, curiosamente, tem mais audiência média do que a audiência média do canal em que é emitida.

Com a Rua Sésamo na memória de toda a gente e o Jardim da Celeste como exemplo de um bom sucedâneo da série americana, a Ilha das Cores foi encomendada pela Direcção da RTP 2 com o objectivo de se fazer uma série para o pré-escolar retomando assim a RTP uma certa tradição de produção de programas infantis.

A primeira alteração da Ilha das Cores foi o seu título. Nascida “Morro das Cores” com o intuito de contrariar a imagem dura e violenta dos morros e das suas populações, transformou-se rapidamente numa Ilha com o argumento de que “morro” era uma palavra mais empregue no português do Brasil e Ilha uma palavra que serviria para todas as variantes da língua portuguesa.

Depois de pensada a forma principal da série, pensou-se na estrutura de cada episódio, momento fácil porque se sabia que ia ser semelhante à Rua Sésamo e ao Jardim da Celeste.

Uma pequena pesquisa, o pedido a crianças de um estabelecimento do pré-escolar perto das instalações da RTP, levou ao desenho da Ilha. A maioria desenhou a Ilha como um monte no meio do mar. Apenas duas desenharam um círculo com uma palmeira no meio. As *designers* que fizeram as ilustrações finais tiveram essa indicação em conta.

Elaborou-se uma lista de objectivos a atingir. Sabíamos que a língua, a matemática e a saúde e bem-estar eram prioritários e que o ambiente, o consumo e as artes eram complementares. Este critério deve-se ao facto da RTP 2 ter 9 horas de emissão diárias para crianças e de ter muitos programas, ainda que estrangeiros, dobrados em português, sobre estes três últimos assuntos.

Personagens

Criaram-se as personagens usando a técnica descrita em todas as bíblias de programas estrangeiros, sobretudo americanos e canadianos: cada personagem representa determinados objectivos. Mas também se sabia que se queria ter vários escalões etários, o mesmo número de homens e mulheres e, pelo menos, uma personagem negra e portuguesa, com uma profissão diferenciada.

A preocupação da quebra dos estereótipos na criação das personagens foi um dos pontos concordantes entre a autora, a coordenadora de guiões, que as caracterizou, e a psicóloga contratada, uma jovem estagiária da equipa de Daniel Sampaio, que distribuía os objectivos e acompanhava os guiões. Além do mesmo número de homens e mulheres, também se queria dar às mulheres papéis menos comuns. Não é fácil quebrar as “regras da casa” mesmo quando há essa vontade e, por isso, não ocorria nenhuma profissão mais masculina para caracterizar uma das personagens femininas senão mecânica de automóveis, difícil em termos de produção pois é complicado e caro montar num estúdio um cenário de garagem de automóveis. Acabou por ser uma experiência própria a “desatar” o nó. A personagem Marta/pescadora nasce depois de um jantar onde estavam duas mulheres que tinham um barco e que pescavam, ainda que não profissionalmente.

Não foi fácil convencer a produção de que era normal ter uma pescadora: para a maioria das pessoas, uma personagem mulher associada ao mar ou era peixeira ou era bióloga marítima. E verdade é que as crianças que, depois do programa ir para o ar, escreviam *e-mails* a tratavam sempre por peixeira ainda que a canção que a personagem canta no final frise “Sou a Marta, a Pescadora”.

Os avós também foram muito pensados. O que se pretendia era a imagem de uns avós urbanos, abertos às novidades tecnológicas e às ideias, que tivessem vivido os anos 60 com alguma intensidade, bem-dispostos e saudáveis entre outras razões porque se davam com gente nova e faziam exercício físico.

Digamos que estas personagens foram aceites com facilidade provavelmente porque havia muitos avós destes a trabalhar na Ilha das Cores! Os nomes Palmira e Jeremias para estas personagens também foram alvo de valente discussão. A equipa tentou ver quantas Palmiras e quantos Jeremias havia entre os 55 e os 65 anos. Como não foi possível uma investigação séria, através do Arquivo de Identificação, alinharam-se nomes de figuras públicas, da família, de amigos e conhecidos deste escalão etário o que, não sendo grande amostra, era qualquer coisa. Encontrou-se apenas uma Palmira e nenhum Jeremias mas aqui o gosto da autora prevaleceu e as personagens foram baptizadas assim, ainda que com a consciência de que era mais real se se chamassem Isabel e José Manuel ou Maria da Conceição e Jorge Manuel.

Também se pretendia criar alguns tíques para as personagens. Isabel Medina, coordenadora de guiões e quem desenvolveu a personalidade de cada personagem, criou uma Marta que dizia “Filha de Peixe sabe nadar” ao mesmo tempo que fazia o gesto com a mão, uma Cantarola que falava em rima, um Manuel agricultor que passava a vida a citar a família (alargadíssima). Com o andar das gravações, Francisco Pestana, o actor que interpretou a personagem Jeremias, começou a chamar a Palmira, sua mulher na série, por Palmiritaritarita, tendo toda a equipa criativa achado graça.

Uma das coisas mais difíceis de conseguir foi as formas de tratamento entre as personagens. Quis-se reabilitar o tratamento de Senhora Dona em forma de *Sô Dona* mas não houve maneira. O que estava previsto, e escrito, era a personagem mais jovem, Leonardo, tratar as pessoas mais velhas (Palmira, Cantarola) por *Sô Dona*. Mas o actor Duarte Gomes (o Leonardo da série) nunca se conseguiu sentir à vontade com este tratamento. Ele é da geração em que muitos dos mais novos tratam os mais velhos por “tia e tio”, não conhecia aquela fórmula e não há tempo em televisão para treinar muito. O método ensaia/grava não se compadece com muito ensaio. Dona era a maneira mais cómoda para o actor e acabámos por optar que ele tratasse os mais velhos pelo nome próprio. Mas há uma diferença de tratamentos entre os primeiros episódios e os últimos.

O estado civil das personagens é, de certo modo, bastante clássico. É muito raro encontrar heróis da banda desenhada casados e com filhos. Nem o Tin-Tin, o Batman, o Superhomem, o Mickey, o Nodi ou o Bob o Construtor são pais de família. Na Ilha também há apenas um casal. No caso presente, teve apenas a ver com dinheiro. Não poderíamos comportar mais actores, nem mais espaço, porque ter mais personagens implica sempre mais espaço de cenário, além de ser difícil incluir crianças numa produção como esta. Há ainda um outro factor: hoje em dia não faz sentido representar apenas a família mais convencional de pai, mãe e filhos. Não digo que representemos famílias homossexuais,

como já fazem algumas estações estrangeiras, sabemos que em Portugal ainda é complicado mexer nesse assunto na televisão embora se saiba que existem. Mas há as famílias monoparentais e as recompostas que também teriam de estar representadas. Era tão difícil fazê-lo bem que se deixou isso para outra série. De resto em nenhum dos formatos se tratou nem de divórcio nem de segundos casamentos dos progenitores.

Ambientes e paisagens

A partir destes dados já era possível encomendar os cenários e aqui experimentou-se algo diferente. A série *Pistas da Blue* tinha sido o programa mais visto e apreciado pelos meninos desta idade da grelha das RTP 2 do ano anterior, todo o *background* era desenhado e, em alguns casos, como a gaveta da mesa, cenário tinha movimento. A *Blue* também era animada, bem como algumas outras personagens. Foi por influência dessa série que todos os exteriores da Ilha foram desenhados, permitindo esse sistema que criássemos todas as espécies de paisagens. Até podíamos ter posto as personagens no Taj Mahal sem gastar dinheiro em viagens, ao mesmo tempo que se cria um efeito de desenho animado favorável à atenção dos meninos desta idade.

Também se decidiu que as casas seriam uma mistura de verdadeiro e falso, ou seja, as três paredes eram ilustradas e só os móveis estritamente necessários seriam verdadeiros, aqueles onde os actores tinham de suportar a acção como cadeiras, mesas, bengaleiros e adereços utilizados na cena. Esta mistura permitiria um efeito na antena muito luminoso, porque se podem desenhar fogões cor-de-rosa ou verde alface ao mesmo tempo que possibilita grande economia. Na casa do Bibliotecário, por exemplo, seria impossível fazer três paredes de cima abaixo repletas de livros por razões de orçamento.

A empresa contratada para esta tarefa, Zeppelin Films, foi responsável por muitos projectos de animação ganhadores. As ilustradoras destes cenários foram escolhidas pela produção da RTP através dos *portfolios* que a ZF apresentou. A equipa foi sendo constituída à medida que se iam fechando decisões.

Os primeiros rascunhos do cenário vieram um mês depois da encomenda e procedeu-se a alterações mas não houve mudanças significativas a fazer. Foram mais alterações de ordem prática como, por exemplo, o quadro de oftalmologia da médica Joana em vez de letras ter desenhos uma vez que a série é para meninos que ainda não sabem ler. A paleta de cores tinha sido previamente aprovada e tinha ficado claramente expresso que não haveria cores escuras, nem castanho, azul-escuro ou preto.

Escrita

Cada escritor ou animador começava a criar tendo em conta uma folha com os objectivos, à qual na primeira série da Rua Sésamo o escritor António Torrado, à época coordenador de guiões, deu o nome de folhas de assento. Esse nome manteve-se nas séries do Jardim da Celeste e na Ilha das Cores. Nessa folha estavam escritas todas as intenções de cada episódio, traçadas pela psicóloga. Foi com ela que se decidiram os objectivos de cada episódio por segmentos e foi ela que reviu os guiões e deu indicações de cena tão simples mas tão necessárias como “Quando o actor tirar a panela do fogão deve pôr pegas”: isto porque, sendo tudo a fingir e a panela estar fria, é muito fácil o realizador esquecer-se.

À escolha dos escritores presidiram vários critérios: neste caso mais homens do que mulheres porque há muito mais mulheres a quererem, e a conseguirem, escrever para crianças, e também porque a equipa tinha imensas mulheres; pessoas de idades diferentes, com diversas experiências académicas e individuais; uma mescla entre pessoas que já tinham escrito alguma coisa para televisão e outras que nunca tinham escrito nada. Entre as pessoas com quem já tínhamos trabalhado e as que tinham mandado curriculum, seleccionaram-se cinco pessoas: uma escritora de 50 anos, divorciada, com cinco filhos, educadora de infância e que já escrevera muitas vezes para televisão. Outra de 35 anos, casada, com quatro filhos, jornalista e que nunca tinha escrito para televisão. Um escritor de 30 anos, casado, com dois enteados e futuro pai, com o 12º ano, que já tinha muita experiência de guionismo. Outro com 26 anos, solteiro, sem filhos, licenciado em Cinema e com um curso de argumentista, nunca tinha escrito para televisão em Portugal mas já tinha escrito um livro. Um terceiro, de 23 anos, solteiro, sem filhos, licenciado em História Contemporânea e que nunca tinha escrito para televisão. Um dos escritores foi contratado para outra série, no segundo episódio que escreveu, e foi substituído por outro de 26 anos, solteiro e sem filhos, estudante de canto, com alguma experiência de escrita para televisão.

Cada um destes escritores escreveu para uma personagem como protagonista, ainda que se cruzasse com outras.

Há uma comparação nas formas de escrita que não se pode ocultar: nos anos da produção da primeira Rua Sésamo, de 1987 a 1989, os computadores não estavam ainda vulgarizados e os escritores enviavam os seus textos escritos à máquina. O computador e a Internet facilitaram enormemente todos estes processos. Os escritores desta série só se viram todos ao mesmo tempo uma única vez porque as entregas de texto e as correcções se faziam via *e-mail*.

De repente estava tudo a acontecer em simultâneo. Escreviam-se guiões, criavam-se *story boards*, construía-se a ave que viria a ser a personagem

Cantarola, faziam-se *castings* para angariar actores, animavam-se personagens em três dimensões (3D) e compunham-se músicas.

Música

A canção do genérico foi o primeiro produto final da série e ficou pronta em Janeiro de 2007. Houve a indicação para o compositor, Renato Jr., de que se queria uma canção num tom de jazz. “Que as crianças gostem e que os pais também queiram cantar com elas no carro” foi a segunda orientação. A letra foi escrita e corrigida inúmeras vezes, mas lá se “desarrincou” e o compositor apresentou uma maquete. A primeira versão não tinha as vozes de crianças pelo que lhe foi pedido que as incluísse.

Inicialmente foram pensadas trinta canções mas o orçamento não as comportava. Fizeram-se tentativas de “criar” um modo de as fazer. Contactaram-se duas Escolas Superiores de Música, aproveitando a moda da compra dos serviços às Universidades, mas em nenhuma houve bons resultados. Na primeira, o obstáculo foi uma telefonista tão pouco profissional que se desistiu. Na outra houve uma recepção entusiasta à ideia, mas entre férias de carnaval e outros afazeres, a escola não conseguiu encontrar condições para este desafio ainda que ele fosse remunerado. Acabou tudo na mão dos profissionais e com truques, isto é, de onze composições fizeram-se trinta canções. Cada composição comportava três letras distintas.

Uma das dificuldades da gravação destas canções com os actores é que eles não sabem cantar. Quando a série já estava no ar recebeu-se uma reclamação de uma mãe que protestava porque a personagem Palmira dizia numa canção “O meu nome é a Palmira” e que o filho de 3 anos, imitando a canção, dizia “o meu nome é o João”. Depois de se verificar o que se passava, percebeu-se que a actriz ao dizer “O meu nome é Palmira” precisou de introduzir mais um som para entoar e parecia que dizia “o meu nome é a Palmira” mas de facto era um arrastamento.

Actores

O *casting* dos actores foi trabalhoso. Até com Duarte Gomes, o jovem actor que já tinha apreço garantido porque fora o anfitrião da série “Pistas da Blue”, a contratação não foi fácil. Com *cachets* apertados e uma actividade, felizmente, relativamente dinâmica das televisões, não foi fácil encontrar os que reuniam, ao mesmo tempo, qualidade, a idade das personagens, as características que se pretendiam e a disponibilidade para os horários de gravação. Foram precisas duas sessões de escolha para chegar ao elenco a que se chegou.

As relações com os actores são difíceis. Dizem os realizadores mais experimentados que os actores são como as crianças: “sedutores quando querem ser escolhidos, uns estupores a partir do momento em que o são e uns amores quando se acaba”. A coisa foi quase assim com as também normais excepções à regra.

Duarte Gomes temeu que mais uma série de programas infantis o conote de tal modo com o género que não o convidem para mais nada e hesitou bastante antes de aceitar. Este problema fez algumas angústias no centro de decisão embora todos saibamos que em pouco tempo os actores se popularizam.

No que respeita à boneca manipulada houve dificuldades que servem apenas para aprender. Foi pedido um orçamento aos construtores dos bonecos da série Jardim da Celeste para um boneco que representasse uma ave, entre a arara e a catatua, manipulada apenas por um manipulador. O orçamento desta empresa foi considerado muito elevado e optou-se por entregar a construção do boneco a um manipulador que também quer ser construtor de bonecos. O primeiro boneco que apareceu era muito fraco. O segundo também era fraco mas aceitou-se o boneco com o argumento de que quando estivesse a ser manipulado melhoraria muito e que com a iluminação também se deixariam de notar as imperfeições. Aconteceu exactamente o inverso. No estúdio, com luz em cima, o boneco ficou muito pior. Foi um momento muito duro da produção desta série.

Escolheu-se uma manipuladora que faria também a voz mas não correu bem. A manipuladora tinha acabado de sair da manipulação de outro boneco e foi-lhe muito difícil mudar de registo embora tivesse como referência a voz de Simone de Oliveira, que era o tipo de registo que se queria para a Cantarola. Tinha também sido sujeita a uma intervenção cirúrgica e não estava apta a manipular o boneco de uma ave, com alguns problemas técnicos.

A solução não podia ser mandar fazer outro animal porque não havia tempo nem dinheiro para isso. Resolveu-se o assunto dando uma ajeitadela no boneco, pondo lá um manipulador mais experiente para que pudesse mexê-lo com mais desenvoltura e a manipuladora inicialmente contratada fez apenas a voz, num tom que nunca foi o ideal mas que, sem a preocupação da manipulação, melhorou muito com o tempo. Nenhum destes factores impediu a Cantarola de ser muito apreciada pelos meninos que mandam *e-mails*, mas a produção aprendeu que o barato sai caro.

Animação

Foram ainda criadas umas personagens em desenho animado: o Zé dos Sete Mares, invenção do escritor da personagem Marta; o Cantor Romântico,

invenção do escritor da personagem Manuel; os fantasmas do Sótão Mágico, a Trupe Intrépida e a Família Silva da Silva, invenção dos produtores destes segmentos. A ideia destas personagens era ter em cada episódio umas personagens em animação em 3D, como eram usados o Egas e o Becas, ou o Monstro das Bolachas na Rua Sésamo. Mas o 3D é muito moroso e acabou-se por ter apenas neste formato o Zé dos Sete Mares, todos os outros são em 2D.

Esta é a parte *hard core* da série. É irresistível para um adulto não pôr algumas das suas referências de humor nestas personagens. Por isso, o Zé dos Sete Mares tem uma cena no barco igual à do Titanic, com a menina na proa e o menino a segurá-la; a Trupe Intrépida tem uma canção com um arranjo da música das Doce, “Uma da manhã ei, bem bom”, o cantor romântico tem gestos do Júlio Iglésias e canta baladas de amor às galinhas e às vacas...

É muito mais fácil fazer humor com estas personagens animadas do que com os actores verdadeiros porque se pode brincar imenso com a imagem.

Estas personagens implicaram vozes de muitos cantores e actores e aqui cometeu-se um erro de encomenda remediado posteriormente: não se encomendou igual número de personagens homens e de mulheres ou de raças diferentes. Foi o conhecimento da maneira com que a RTP trabalha nesta área que fez com que a produção criasse, por exemplo, bonecos de várias cores na tripulação do Zé dos Sete Mares, um cantor romântico negro, e meninas e meninos na Trupe Intrépida. A família Silva da Silva é toda loira e de olhos azuis.

Chamou-se animação a uma parte que não tem personagens fixas. Foram encomendados 60 minutos de animação e pediu-se que fosse feita por diversas empresas de animação e por animadores distintos. Esses 60 minutos não têm qualquer obrigatoriedade senão cumprirem o objectivo que está na folha de assento e serem de técnicas várias. Mas também aqui há divertimento. Na letra H, por exemplo, modificou-se a história do Hércules: em vez de matar a hidra que tinha mau hálito, acertou-lhe com umas setas perfumadas... isto porque para crianças tão pequenas se decidiu que era melhor não falar em matar, ainda que se tenha pensado muitas vezes se se deve mudar assim de qualquer maneira histórias tão antigas. A fábula de La Fontaine, “A Cigarra e a Formiga” também foi alterada por se entender que já não faz sentido não encarar o canto como uma profissão. Por isso a cigarra diz à formiga que não volta a cantar sem que lhe pague.

A animação é uma das glórias desta produção, há segmentos muito bons e muito bonitos. Infelizmente também se fizeram alguns feios, felizmente poucos.

Foram usados nesta série segmentos de animação de arquivo, que tinham sido produzidos em Portugal para as séries da Rua Sésamo e Jardim da Celeste.

Foi com alguma desilusão que se viram as imagens de arquivo: a estética da animação, que muitas vezes se pensa que não envelhece, estava velhíssima em muitos casos, eram raros os filmes que aguentavam esteticamente os novos tempos. O som era péssimo e em muitos até os textos tinham uma linguagem datada. Para cúmulo, muitos filmes tinham cravada, do lado direito, a legenda Arquivo RTP porque quando apareceu a televisão privada a RTP deu tanto valor às suas imagens de arquivo – era uma das coisas que as estações privadas não tinham – que não queria que aparecessem em lado nenhum sem a sua chancela e decidiu carimbar todas as imagens. Foi impossível tirar a legenda e a solução foi pôr por cima o logo da Ilha das Cores, opção tão discutível como a primeira! Se alguém usar aquelas imagens daqui a uns anos bradará certamente contra quem teve a ideia de pôr ali um logótipo e não lhe passará pela cabeça a razão!

Imagem real

Uma das partes mais difíceis desta série foi a imagem real. São segmentos que pretendem ser pequenos documentários que mostrem a vida real. Parece ser o mais simples mas não é.

As pessoas que fazem este tipo de televisão são menos diferenciadas, académica e culturalmente do que os escritores ou os animadores. São em geral jovens com poucos estudos, que gostam de computadores e que fazem câmara. Hoje, com equipamentos digitais muito ligeiros, é fácil começar uma vida profissional nesta área. Embora tenha havido uma reunião de *briefing* sobre o estilo do que se pretendia, com conhecimentos reduzidos a capacidade de aprender também é pequena e, por isso, repetem-se erros primários e os mesmos, muitas vezes.

A ideia do que se quer é muito vaga. Querem-se mostrar museus ou fábricas (e aqui colocam-se problemas de publicidade complicadíssimos), mas a verdade é que como quem escreve não conhece o museu ou a fábrica, acaba por dar só a ideia e faz o texto depois do segmento estar montado, o que leva a que o segmento seja feito ao gosto do técnico de imagem, nem sempre com o cuidado necessário e quase nunca com bom gosto.

Por mais que os elementos da equipa usem boinas à Che Guevara, tenham *t-shirts* com frases revolucionárias ou *pins* contra a guerra, a verdade é que se a produção se descuida passam nas imagens todos os *clichés* que se querem evitar nesta série e que, aparentemente, pessoas que vestem um determinado tipo de roupa queriam também contrariar. Também a música de fundo fica, em geral, muito alta porque adoram ouvir tudo a gritar, abafando completamente o texto, e é preciso estar sempre a mandar baixar a música na mistura.

A Imagem Real é um dos pontos fracos da Ilha das Cores e tem razão para o ser, foi um dos pontos menos trabalhado na pré-produção e na produção, ainda que também haja imagens muito bonitas.

Crianças e visitas à Ilha

Um dos aspectos com que nos debatemos foi com a necessidade de ter ou não ter uma personagem criança na Ilha das Cores. Nesta série, as crianças estão representadas ou em animação ou em imagem real mas não fazem parte do elenco de actores, enquanto na Rua Sésamo, o Poupas fazia esse papel e no Jardim da Celeste as crianças estavam representadas pelos bonecos manipulados. Na Ilha das Cores, as personagens adultas falam nos seus netos ou sobrinhos mas apenas uma ou duas vezes há crianças em estúdio. A questão das crianças é muito complicada nestas produções que se fazem com relativa pressa porque essa rapidez não permite que se cumpra a lei que regula a actividade das crianças na publicidade e na televisão. A Ilha das Cores teve gravações diárias de 10 horas, o que não permitiria a nenhuma criança estudar ou ter a vida normal a que tem direito.

Os adultos com quem se conversa sobre a série sentem a falta das crianças / atrizes mas as crianças que escrevem *e-mails* nunca puseram essa questão. Manifestam apreço pelas personagens que existem, sugerem até a inclusão de algumas personagens, como por exemplo um namorado para a Cantarola, e nunca perguntam porque não há pessoas da idade delas na Ilha das Cores.

Uma dificuldade nestas produções é a representação de pessoas com deficiência. Um dos episódios previa que um menino cego fosse à Ilha das Cores. Era um dos últimos episódios, a pedido da produção, justamente para já estar tudo rotinado quando se recebesse o menino cego. Foi tão difícil encontrar uma criança cega entre os 8 e os 12 anos que não se conseguiu fazer o episódio tal como estava escrito e foi alterado de modo a que se falasse em meninos cegos e em Braille sem ter de ter no estúdio nenhum menino cego. As organizações contactadas não conseguiram arranjar ninguém com essa idade, a pessoa mais nova tinha 14 anos, parecia ser a única e quando se experimentou fazer um pequeno ensaio, na escola que frequentava, foi de tal modo desastroso que não se ousou levar a menina para o estúdio.

A surpresa foi geral e alguém explicou que, felizmente, a medicina e a tecnologia já resolvem tantos problemas de visão que há poucos meninos cegos. Se isto é ou não verdadeiro não se apurou mas se é só há razões para nos satisfazermos. Mas esta “escassez” de meninos cegos levou a produção a pensar que é mais um assunto que tem de ser trabalhado, que tipos de deficiências deverão estar presentes neste programa. Não se defende, com esta reflexão,

que deficiências mais raras não devam ser mostradas mas como não há outro remédio senão seleccionar o melhor talvez seja as que são mais comuns.

Outra frustração foi com as celebridades. Tal como vimos nas séries da *Sesame Street*, nos Marretas ou noutros projectos para crianças, sobretudo americanos e tal como foi feito na Rua Sésamo, houve a intenção de convidar celebridades para fazerem qualquer coisa na série. A ideia foi convidar cantores para cantarem a canção do abecedário. Foram convidadas quatro primeiras figuras da cena musical e nenhuma aceitou. Todas elas, educadamente, deram razões de trabalho mas a verdade é que fica a impressão de que os nossos cantores de primeira linha são muito ciosos da sua imagem e não quiseram cantar uma canção que não era feita para si. Foi surpreendente porque no *Sesame Street* vimos Paul Simon cantar uma canção do alfabeto que não era composição sua... aqui acabou tudo na voz de um simpático concorrente da Operação Triunfo.

Finalmente a audiência

Como já foi dito, a audiência deste projecto foi muito superior à audiência média do canal em que é exibido e igualou em muitos dias a audiência de outros canais.

Colocado no melhor horário do Zig Zag, entre as 08.00h e as 08.30h, a Ilha das Cores obteve *shares* muito elevados desde o primeiro episódio. A decisão de repetir três vezes ao dia deu não só visibilidade ao projecto mas também oportunidade ao público alvo, as crianças em idade pré-escolar, de poder ver em horários compatíveis com os seus.

Tanto no alvo Universo como no dos 4 aos 14 anos o *share* foi sempre acima da média do canal e muito bom. Pode dizer-se com segurança que 70% das crianças que vêem televisão já viram a Ilha das Cores pelo menos uma vez.

Apesar de não ter havido para esta série, como houve para a Rua Sésamo e o Jardim da Celeste, uma estratégia de investigação que permitisse avaliar o apreço ou a popularidade das personagens ou os momentos de maior atenção das crianças, é possível dizer que se recebem inúmeros *e-mails* por dia, de crianças até aos 11 anos que elogiam a série, dizem que aprendem (até se recebeu um de uma menina que dizia que com os conselhos da personagem Joana já tinha emagrecido 2 quilos), nomeiam as suas personagens preferidas e manifestam contentamento por a série ter sido feita. Pode dizer-se ainda com segurança que as personagens Cantarola e Leonardo são as favoritas destas crianças.

Também se recebem mensagens por *mail* de muitos pais elogiando a série, dando sugestões preciosas e chamando à atenção para erros cometidos que se tentaram corrigir.

Não é pretensioso dizer que a Ilha das Cores teve uma das maiores promoções que uma série infantil da RTP conseguiu depois da Rua Sésamo.

Teve uma apresentação à imprensa, um pequeno-almoço no estúdio das gravações onde era difícil não sorrir de satisfação quando se entrava. Os cinco cenários estavam montados, iluminados e são tão bonitos ao vivo que todos os que entravam eram invadidos por uma espécie de boa disposição. Tal como se vê em muitas apresentações de programas estrangeiros, nesse encontro com a imprensa foram distribuídas t-shirts de criança (2/4, 6/ 8 e 8/10 anos), um DVD com um episódio e um comunicado de imprensa.

Essa apresentação teve um directo para o programa “Bom Dia Portugal”, líder de audiência na RTP 1. Depois desse directo, sucederam-se inúmeras entrevistas com os participantes em vários programas na estações de rádio do grupo RTP e nos jornais. As estações de rádio do grupo RTP passaram também a canção do genérico durante semanas. Os animadores puseram na Internet os filmes que fizeram para a série, vários blogues sobre assuntos de crianças falaram sobre o programa e muitos de adultos o troçaram, o que não deixa de ser uma forma de publicidade.

Na antena, além da auto-promoção normal de *spots* publicitários que dizem o dia e a hora em que começa o programa, passava ao longo do dia o genérico com legendas para as crianças poderem fazer *karaoke* e ainda um *spot* com os actores a informarem as crianças sobre o endereço de *e-mail* caso elas os quisessem contactar.

O *site* da Ilha das Cores foi outra novidade, que não existia há 18 anos, quando a Rua Sésamo foi para o ar, nem há 10 quando do Jardim da Celeste. O *site* foi posto a funcionar no mesmo dia em que a série começou a ser exibida e, ainda que tenha sido feito apenas com os elementos que havia na RTP, ficou simpático, simples e acessível aos meninos.

A última novidade desta série mas nem por isso insignificante é a vontade da RTP criar uma linha de *merchandising* com os desenhos e a Cantarola. O sector responsável por este serviço contratou uma empresa que apresentou uma proposta para venda de produtos com a imagem da Ilha das Cores. Todos esses produtos têm obrigatoriamente a supervisão da direcção da RTP 2.

Foi feito um livro de estilo para esse trabalho e todos os interessados esperam ver nas lojas produtos com a marca Ilha das Cores e esperam que sejam úteis, bonitos e com um preço acessível ao maior número possível de meninos.

Pessoas

Não poderia terminar este artigo sem falar nas pessoas porque todos estes projectos não são possíveis sem pessoas.

Para fazer a Ilha das Cores foram necessárias bastantes pessoas. Não é possível dizer quantas, não se contaram e, por mais que a produção tivesse tido muita vontade de tirar uma fotografia com todas as que colaboraram neste projecto, isso foi impossível. Era quase tão demorado produzir a fotografia e encontrar o dia e a hora em que estivessem todos disponíveis que nunca houve tempo para o fazer.

Mas as relações entre as pessoas, não só do ponto de vista pessoal como profissional, são muitas vezes a chave mestra do sucesso destas produções.

As relações entre a autora e a produtora foram mais vezes difíceis do que fáceis. Dotadas de temperamentos totalmente diferentes valeu a estas duas profissionais a amizade de 20 anos que as unia, o facto de ambas terem começado a sua carreira na Rua Sésamo e por isso serem conhecedoras de uma metodologia que tentaram aplicar em parte neste projecto, a confiança profissional que tinham uma na outra e a vontade indiscutível de pôr de pé, no tempo pedido e com o orçamento aceite, um projecto que lhes dava muito prazer e que entendiam como de utilidade pública.

As relações pessoais entre os criadores de animação, escritores e músicos não existiram. A tecnologia deitou por terra essas reuniões de “chuva de ideias” onde cada um diz o maior disparate que lhe vem à cabeça e muitos desses disparates são ideias geniais que são postas em prática. Os escritores da Ilha das Cores só se viram todos uma única vez, em reunião de trabalho entre outras razões porque nem todos foram à apresentação do programa. A psicóloga do programa e a coordenadora de guiões também conversaram mais vezes por *e-mail* do que de viva voz. A única pessoa que viu as duas desenhadoras foi o próprio coordenador. E os animadores também só foram contactados pelo produtor de animação. Assim como não se sabe quem foram as pessoas que fizeram as vozes para a imagem real e foram imensas.

Há até pessoas que tiveram influência no projecto e nem sabem. É o caso de Bebé Arnoso e Teresa Schmitt, as pescadoras que inspiraram a personagem Marta. Clara Alvarez e Rogério Ceitil foram o exemplo de avós modernos, que falam com os netos por Messenger, gostam dos mesmos músicos que eles, sabem nadar e tem histórias dos anos 60 para contar.

A Ilha das Cores foi um projecto fabricado já com todos os instrumentos do mundo global, no sentido em que com a tecnologia que nos envolve hoje seria fácil ter até incorporado na equipa criadores a viver no estrangeiro. O genérico do programa está no Youtube e em breve estará a ser vendido em DVD e as canções em CD.

E espera-se que 2008 seja o ano de uma nova série com novidades em todos os campos da criação e da produção.